

AUTOR

Taís Xavier
Carvalho*

tmxavier@indiana.
edu

* Mestranda pela Indiana
University (Estados
Unidos) e Licenciada em
Letras pela Universidade
de Brasília (UnB, Brasil).

Guardado no armário: preconceitos “inexistentes” revelados em autobiografia

Guardado en el armario: prejuicios “inexistentes” revelados en autobiografía

Kept in the closet: “nonexistent” prejudices revealed in autobiography

Gomes, S. (2017).

Guardei no armário: a experiência de um jovem homossexual, negro e ex-evangélico na sétima maior cidade do mundo.

Porto Alegre, RS: Pragmatha.

Assim como o subtítulo já explicita, *Guardei no armário: a experiência de um jovem homossexual, negro e ex-evangélico na sétima maior cidade do mundo*, a autobiografia publicada de forma independente pelo autor estreante Samuel Gomes, conta a história de vida de seu escritor, permeada de preconceitos. Na obra, Gomes não só compartilha em detalhes episódios que, desde a sua infância, o levaram a se questionar sobre a “validade” de ser homossexual, mas também relata casos de humilhações públicas relacionadas à sua raça e à sua classe social, desmistificando toda a ideia de democracia racial que ainda é vendida sobre o Brasil.

O livro de Gomes funciona muito bem como uma obra de cunho didático, que tenta ao máximo deixar tudo claro para o leitor. Primeiramente, tem-se o próprio formato da narrativa, que apresenta uma estrutura simples, seguidora do padrão de desenvolvimento ficcional, e o uso de uma linguagem não rebuscada, facilmente compreendida. Depois, tem-se também o conteúdo da obra, que não deixa nada implícito, mas sim muito bem explicado, e revela, de forma nítida, o intuito expositor e denunciante da obra. Ao construir seu livro em torno de relatos e comentários sobre como palavras e atos preconceituosos o atingiam e influenciavam sua saúde tanto mental quanto física, Gomes chama a atenção daquele que o lê, mesmo que não haja identificação com os problemas do escritor. Dessa forma, o autor impacta o leitor, impossibilitando a negação da problemática de uma sociedade intolerante. Logo, a exposição e a ênfase dada às situações opressoras pelas quais passaram o autor parecem ter como objetivo final a educação do leitor acerca da realidade vivida pelas minorias no país. A prova disso são as citações usadas por Gomes em grande parte dos capítulos, que oferecem um suporte teórico às experiências contadas e também conferem cunho didático ao texto. Ao fazer uso das palavras de outros autores, que escreveram obras de não ficção, como *Auto estima para homossexuais*, de Kimeron Hardin, *Ser negro na história e na sociedade brasileira: o dito, o não dito e o por dizer*, de José Barbosa da Silva Filho, e *Papai, mamãe sou gay!*, de Rinna Riesenfeld, Gomes valida seus relatos e mostra que as suas emoções e vivências não se relacionam somente com ele mesmo.

De fato, ao longo de 264 páginas, o autor relata momentos de repressão que chamam a atenção por, apesar de absurdos, soarem perfeitamente possíveis. É verdade que tudo o que Gomes

conta pode ser lido com um pouco de receio e ceticismo. Afinal, não é possível ignorar o poder que o escritor tem de manipular a forma com que descreve as situações que viveu. A constante ênfase na sua posição de sofrimento que nunca tem como se defender e a importância conferida apenas aos próprios sentimentos, por exemplo, não passam despercebidas. Somente em um dos capítulos, o protagonista assume um outro ponto de vista e reflete sobre o impacto que ele mesmo teria tido na vida dos pais religiosos ao se assumir como homossexual, pensando em como ele mesmo pode afetar outras pessoas. No entanto, é preciso enfatizar que essa passividade e esse egocentrismo do protagonista podem ser interpretados como um traço da personalidade que o próprio autor decidiu enfatizar a fim de guiar o leitor pelas situações que indivíduos de grupos marginalizados passam. Além disso, mesmo sendo uma autobiografia manejada pelo escritor, em nenhum momento, ainda que a estrutura fechada e engessada, e o estilo artificial de escrita, principalmente dos diálogos, não soem particularmente naturais, as situações descritas por Gomes soam irreais.

Com isso, é curioso notar que a obra, apesar de narrar a história de um autor singular (afinal, não são muitos os escritores negros e gays e ex-evangélicos existentes no mercado), assume um caráter universal. Não é difícil para o leitor imaginar que outros sujeitos reais passem por situações similares à do protagonista. O próprio autor, aliás, deixa isso claro ao citar, dentro da obra, amigos, familiares e até mesmo desconhecidos cujas histórias de vida ouvira falar, e que se assemelhavam à dele. Nesse sentido, Gomes parece assumir em sua obra uma função tripla: educar os leitores acerca de questões minoritárias, expor os preconceitos que ainda existem dentro da sociedade e chamar a atenção para o problema. Nesse ponto, então, faz-se necessário citar um personagem muito importante da obra: a Igreja.

Em toda a narrativa, Gomes deixa muito claro que grande parte dos seus problemas tiveram origem dentro da Igreja Evangélica à qual pertencia. O autor dedica grande parte de suas páginas à exposição do caráter excessivamente conservador da instituição e seus ensinamentos, que excluem todos aqueles que não se encaixam em um padrão pré-estabelecido. No início da narrativa, que segue uma ordem cronológica, Gomes apresenta os dogmas da Igreja que frequentava, expondo o quanto sofria por não ser capaz de se adaptar àquilo que seria o estilo de vida correto. Mais tarde, no entanto, após se assumir como homossexual e encontrar pessoas que o apoiam, ele passa a rebater todas as críticas e justificativas que a Igreja impõe sobre ele, deixando claro que há diferentes pontos de vista sobre a vida e que é possível, ao contrário do que sua Igreja pregava, ser feliz longe dos cultos. No entanto, aqui, novamente, tem-se um fator curioso da obra: apesar de denunciar a infelicidade e a solidão que a Igreja pode infligir a um ser humano, especialmente se ele se nega a seguir à risca os seus preceitos, Gomes não rechaça a instituição por completo, reconhecendo a importância e a segurança que ela pode oferecer aos fiéis. Em determinado momento da obra, o próprio autor, preocupado com o bem-estar do seu pai, chega a aconselhá-lo a ir à Igreja para encontrar paz, mostrando, assim, que ele mesmo reconhece que diferentes pessoas podem encontrar a felicidade em diferentes contextos.

Assim, *Guardi no armário* prova ser uma obra importante e necessária dentro do cenário social atual. Mesmo que Gomes não se revele um autor excepcional em termos de construção do enredo ou criatividade no uso de estratégias narrativas, os elementos da sua história provam que ela merece ser contada por ele mesmo, pois o efeito e a lição da obra certamente perderiam seu impacto se contada por uma pessoa que desconhece a realidade daqueles que são alvos de preconceito. As questões pessoais discutidas pelo autor, ainda que referentes à sua própria vida, se mostram universais e provam, seguindo um formato simples, que todos os estilos de vida merecem ser respeitados e que, apesar do preconceito ainda existir, ele pode ser combatido.

PALAVRAS-CHAVE**Homossexualismo;
raça; preconceito;
autobiografia****PALABRAS CLAVE****Homosexualidad;
raza; prejuicio;
autobiografía****KEYWORDS****Homosexuality;
race; prejudice;
autobiography**

Recibido:

09.10.2017

Aceptado:

18.05.2018